



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL**

WALÉRIA GUIMARÃES DE SOUSA

**ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS PRESENTES NAS REDAÇÕES
NOTA MIL DO ENEM DO ANO DE 2016**

**TERESINA
2024**

WALÉRIA GUIMARÃES DE SOUSA

**ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS PRESENTES NAS REDAÇÕES
NOTA MIL DO ENEM DO ANO DE 2016**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Orientadora: Profa. Dra. Bruna Rodrigues da Silva Neres

TERESINA
2024

S725a Sousa, Waléria Guimarães de.

Análise das relações intertextuais presentes nas redações nota mil do ENEM do ano de 2016 / Waléria Guimarães de Sousa. – 2024.

54 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Licenciatura Plena em Letras-Português, *Campus Poeta Torquato Neto*, Teresina-PI, 2024.

“Orientadora: Prof.^a Dra. Bruna Rodrigues da Silva Neres.”

1. Redação. 2. Intertextualidade. 3. Argumentatividade. 4. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). 5. Língua Portuguesa. I. Título.

CDD: 469.8

WALÉRIA GUIMARÃES DE SOUSA

**ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS PRESENTES NAS REDAÇÕES
NOTA MIL DO ENEM DO ANO DE 2016**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Orientadora: Profa. Dra. Bruna Rodrigues da Silva Neres

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Bruna Rodrigues da Silva Neres (Orientadora)
Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Ma. Margareth Valdivino da Luz Carvalho

Ma. Geysa Dielle Rodrigues Vieira

*Aos meus professores que me formaram até aqui,
aos amigos que me ajudaram de alguma forma
e aos meus futuros descendentes.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar forças até aqui. Sou grata ao meu digníssimo esposo, Evanilson, por sempre estar ao meu lado, oferecendo todo o apoio de que preciso. Agradeço ao amor da minha vida, meu filho Arthur, por me fazer querer vencer todos os dias por ele.

Agradeço aos meus avós, que me criaram diante de tantas dificuldades na infância e pela bela educação que me deram, além da paciência que tiveram e têm, mesmo que a vida tenha os castigado tanto. Agradeço à minha irmã de sangue, aqui na Terra, o único laço de sangue maior depois de meu filho.

Agradeço também à minha amiga Larissy por me lembrar que sou capaz e por não me deixar desistir. Agradeço aos meus padrinhos, Nilzane e Pádua, por me libertarem do meu medo de escrever a monografia e me mostrarem que não precisa ser perfeito, precisa ser feito.

Agradeço à minha comadre Cleilda, que é minha irmã, confidente e terapeuta. Agradeço também à minha amiga de infância Layara, por sempre me ouvir e me compreender. Agradeço, em especial, ao meu amigo Eduardo Lobato, meu amigo de universidade e pesquisa, por tantas trocas até hoje.

Agradeço a todos os professores que conheci na Universidade Estadual do Piauí, especialmente àqueles que me inspiraram a estudar mais, a pesquisar e que me deram a oportunidade de aprender com eles. Sou grata aos que me acolheram com o coração e a mente e não soltaram minha mão.

Um agradecimento especial à professora da disciplina de Prática de Pesquisa em Letras II e minha orientadora, Dra. Bruna Rodrigues, um ser humano muito especial e gentil. Que Deus continue a abençoando. Obrigada por me ajudar a concluir o curso com seu jeito de ensinar tão humano e acolhedor.

Agradeço ao professor Franklin Oliveira, o primeiro professor com quem conversei nesta universidade. Sou grata por sua vida, trajetória como professor e ser humano. Agradeço também à professora Algemira Macedo, com quem tive a oportunidade de estudar e trabalhar no PIBIC. À professora Shirlei Marly e ao professor Wanderson Lima, que trabalharam e estudaram comigo durante dois anos na Residência Pedagógica. Ao professor Feliciano Bezerra e ao professor (*in*

memoriam) Élio Ferreira, por me oferecerem a oportunidade de trabalhar e estudar com eles no África Brasil.

Agradeço pelas aulas divertidas e ricas do professor (*in memoriam*) Pedro Neto, e à professora Silvana Ribeiro por ser uma professora incrível e um ser humano ímpar. Agradeço também às belíssimas falas e aulas da professora Assunção, às boas conversas e risadas em aula com a professora Raimunda Celestina, e às aulas cheias de poesia e poemas da professora Silvana Pantoja e professora Joselita Izabel. Sou grata pelas aulas ricas e cheias de história do professor Fabrício Flores e pela presença do professor Domingos em minha sala, nos ensinando a difícil língua latina.

Agradeço à querida professora Lucirene Carvalho por suas aulas ricas em conhecimento da língua, e à professora Terezinha de Jesus por suas aulas absurdamente lindas e ricas. Agradeço à professora Norma Suelly, a dona da fala, que transmite conhecimento de maneira única e que me fez não querer piscar para não perder nada. Agradeço também à professora Samara Liz, nossa primeira professora de Latim, uma pessoa adorável. E à professora Ailma Nascimento, por sua presença majestosa em sala, por seu vasto conhecimento da língua e da palavra, e à doce professora Socorro Magalhães.

Sou grata a todos que passaram pela coordenação de Letras, especialmente à dona Cruzinha, que foi como uma mãe para mim. Agradeço a todos os meus amigos de turma, que me ensinaram tanto, e a todas as professoras com quem trabalhei por quase cinco anos no Instituto Dom Barreto, pois foi com elas que aprendi muito mais sobre educação, especialmente a infantil.

Agradeço a todos que me ajudaram durante essa longa caminhada.

*“Há uma luz no túnel
Dos desesperados
Há um cais de porto
Pra quem precisa chegar”*

(Herbert Vianna - Lanterna dos Afogados)

RESUMO

“A intertextualidade é um mosaico de textos que se entrelaçam, no qual nenhum texto é completamente original, e que o significado de um texto é construído por uma multiplicidade de vozes e influências literárias e culturais”. E este trabalho tem como tema “A análise das relações intertextuais presentes nas redações nota mil do ENEM do ano de 2016”. Assim, o estudo busca responder ao seguinte questionamento: qual é o papel da intertextualidade na argumentatividade da redação do ENEM? Os objetivos do trabalho são: (i) explicar o papel da intertextualidade na argumentatividade das redações do ENEM; (ii) identificar as relações de copresença mais recorrentes no gênero dissertativo; (iii) investigar com que propósito a intertextualidade é utilizada na elaboração da redação, seja para conceituar ou para argumentar. Para tanto, recorreu-se às contribuições teóricas de Julia Kristeva (1974), Koch, Bentes e Cavalcante (2012), Piégay-Gros (1996), Paulino, Walty e Cury (2005), entre outros. O trabalho adota uma pesquisa de natureza descritiva, pautada em uma abordagem qualitativa. Foram coletadas quatro redações nota mil do ENEM de 2016, com o tema “Caminhos para combater a intolerância religiosa”, retiradas do site G1. O critério de exclusão foi a falta de relações intertextuais, especialmente literárias, enquanto o critério de inclusão foi a presença significativa de relações intertextuais para uma análise mais detalhada. A pesquisa revelou que a intertextualidade desempenha um papel essencial na argumentatividade das redações do ENEM de 2016. Primeiramente, ela oferece uma base sólida para os argumentos apresentados, permitindo que os autores se apoiem em referências externas para reforçar suas ideias. O uso de citações diretas, paráfrases ou alusões permite que os estudantes conectem seus pontos de vista a conceitos amplamente reconhecidos, tornando seus argumentos mais confiáveis e convincentes.

Palavras-chave: Intertextualidade. Redação. Argumentatividade. Enem

ABSTRACT

Understanding that intertextuality is a mosaic of intertwined texts, in which no text is completely original, and that the meaning of a text is constructed by a multiplicity of voices and literary and cultural influences, this work focuses on "Analysis of intertextual relations in the top-scoring ENEM essays of 2016." The study aims to answer the following question: what is the role of intertextuality in the argumentative writing of the ENEM essays? The objectives of this work are: (i) explain the role of intertextuality in the argumentation of the ENEM essays; (ii) identify the most recurrent co-presence relations in the argumentative essay genre; (iii) investigate the purpose of intertextuality in essay writing, whether for conceptualizing or arguing. To this end, theoretical contributions from Julia Kristeva (1974), Koch, Bentes, and Cavalcante (2012), Piègay-Gros (1996), Paulino, Walty, and Cury (2005), among others, were referenced. This is a descriptive research study with a qualitative approach. Thirteen top-scoring ENEM essays from 2016, with the theme "Ways to Combat Religious Intolerance," were collected from the G1 website. The exclusion criterion was the lack of intertextual relations, especially literary ones, and the inclusion criterion was the presence of significant intertextual relations for a more detailed analysis. The study revealed that intertextuality plays a fundamental role in the argumentative writing of the 2016 ENEM essays. Firstly, it provides a solid foundation for the arguments presented, allowing authors to draw on external references to reinforce their ideas. The use of direct quotations, paraphrases, or allusions allows students to link their viewpoints to widely recognized concepts, making their arguments more reliable and convincing.

Key words: Intertextuality. Essay. Argumentativeness. Enem

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Intertextualidade explícita.....	16
Quadro 2 - Intertextualidade implícita.....	18
Quadro 3 - Relações de copresença e derivação.....	22
Quadro 4 - Relações de copresença	22
Quadro 5 - O que é um texto dissertativo- argumentativo	25
Quadro 6 - Níveis de desempenho avaliados na competência 3.....	29
Quadro 7 - Competências para atingir a nota mil	36
Quadro 8 - Redação Nota Mil N° 1	37
Quadro 9 - Redação Nota Mil N° 2	41
Quadro 10 - Redação Nota Mil N° 3	44
Quadro 11 - Redação Nota Mil N° 4	47
Quadro 12 - Tipos de Intertextualidade Identificados nas Redações Nota Mil.....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 INTERTEXTUALIDADE E SUAS DEFINIÇÕES.....	14
2.1 A intertextualidade e suas diversas abordagens interconectadas	14
2.2 Intertextualidade explícita e implícita.....	16
2.3 Relações intertextuais por copresença e derivação	20
3 REDAÇÃO DO ENEM: UM GÊNERO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO.....	24
3.1 A contribuição da intertextualidade para a clareza e coesão da redação.....	27
3.2 A importância do estudo do gênero dissertativo argumentativo em sala de aula.....	31
4 METODOLOGIA	33
4.1 Classificação da pesquisa	33
4.2 Procedimento de coleta e análise	34
4.3 Caracterização do <i>corpus</i>	34
5 ANÁLISE E RESULTADOS DAS REDAÇÕES NOTAM MIL DO ANO DE 2016 ..	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	53

INTRODUÇÃO

O interesse e a reflexão sobre as relações intertextuais na redação do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) surgem da experiência adquirida em sala de aula durante o programa Residência Pedagógica, no qual estudei e trabalhei por um período de 18 meses em uma escola pública nos anos finais do Ensino Médio. Durante esse tempo, pude perceber a carência dos alunos em relação à leitura crítica e à compreensão de textos. Nesse sentido, é fundamental a realização de leituras em sala de aula, especialmente nos últimos anos do Ensino Médio, dado o impacto que essas leituras têm no desenvolvimento de uma visão crítica e na habilidade de construção de textos argumentativos. A redação dissertativo-argumentativa, que possui grande peso no Enem e nos vestibulares, é um dos principais fatores que determinam a oportunidade de ingresso dos alunos no Ensino Superior.

É a Linguística Textual (LT) que vai contribuir com a análise da redação do Enem, ajudando a compreender como a intertextualidade pode ser aplicada para melhorar a coesão e a estrutura do texto. Anualmente, os candidatos enfrentam dificuldades na realização dessa etapa do exame, frequentemente sem compreender de forma aprofundada como utilizar a intertextualidade de maneira eficaz. Embora a empreguem intuitivamente, muitos desconhecem sua verdadeira relevância, as formas adequadas de aplicá-la e as diversas possibilidades que ela oferece no contexto de suas produções textuais.

Nesse contexto, o presente trabalho é relevante para os estudos sobre argumentação na redação do Enem, pois contribui para o entendimento de que a intertextualidade é um recurso fundamental no desenvolvimento da argumentação. Sua utilização, de forma criteriosa, é decisiva para uma avaliação positiva no exame, possibilitando, assim, melhores oportunidades para o candidato.

Nesta pesquisa, abordou-se o tema Análise das relações intertextuais presentes nas redações nota mil do Enem de 2016, e foram analisadas redações do Enem nota mil do ano de 2016 que teve como tema "Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil". A partir disso, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: Qual é o papel da intertextualidade na argumentatividade da redação do Enem?

Dessa forma, foi desenvolvido o seguinte objetivo geral: relacionar as estratégias intertextuais à argumentação presentes no gênero dissertativo. A partir deste, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) explicar o papel da intertextualidade na argumentatividade da redação do Enem; (ii) identificar as relações de copresença mais recorrentes no gênero dissertativo; (iii) investigar com que propósito a intertextualidade é utilizada na elaboração da redação, seja para conceituar ou para argumentar.

Dessa forma, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa. A coleta de dados ocorreu a partir da seleção de treze (13) redações, das quais quatro (4) foram escolhidas para ilustrar ao leitor a presença da correlação entre as relações intertextuais e a argumentatividade nas redações do Enem. Os textos selecionados foram extraídos do site G1, especificamente das redações nota mil do Enem do ano de 2016, com o tema "Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil". Esse tema foi escolhido por oferecer um contexto rico para trabalhar com uma maior variedade de relações intertextuais, possibilitando a identificação e a análise dessas relações nos diferentes textos, de forma a certificar sua presença e importância na construção da argumentação dissertativa.

A construção bibliográfica deste estudo conta com a contribuição de diversos autores da área da intertextualidade, como: Julia Kristeva (1974), pioneira no conceito de intertextualidade, que se baseia no dialogismo de Bakhtin, para entender o texto como um espaço de interação entre vozes. Koch, Bentes e Cavalcante (2012) discutem a importância das relações intertextuais na construção de sentido. Piégay-Gros (1996) e Paulino, Waltz e Cury (2005), por sua vez, exploram diferentes abordagens da intertextualidade e suas implicações nos discursos. Esses autores fundamentam a análise da intertextualidade nas redações do ENEM de 2016.

O trabalho está organizado em capítulos, conforme descrito no sumário. O Capítulo 2, intitulado Intertextualidade e suas Definições, explora as diversas abordagens sobre o conceito de intertextualidade, dividindo-o em seções sobre as distinções entre intertextualidade explícita e implícita, e as relações por copresença e derivação. O Capítulo 3 analisa a Redação do ENEM como um gênero dissertativo argumentativo, destacando a contribuição da intertextualidade para a clareza e coesão do texto e sua importância no ensino. O Capítulo 4 aborda a Metodologia empregada na pesquisa, detalhando a classificação da pesquisa, coleta e análise de

dados, e a análise das redações nota mil de 2016. Por fim, o Capítulo 5 apresenta as Considerações Finais.

2 INTERTEXTUALIDADE E SUAS DEFINIÇÕES

Neste capítulo, busca-se inicialmente definir o conceito de intertextualidade sob a ótica da Linguística Textual (LT), que incorporou o conceito de Kristeva (1974), originalmente desenvolvido no campo da Literatura. A autora se baseou nas ideias de Mikhail Bakhtin sobre o Dialogismo para elaborar o conceito de intertextualidade, que se caracteriza por seu caráter interdisciplinar. A partir disso, relaciona-se a visão de intertextualidade na LT com o modelo teórico geral proposto por Koch, Bentes e Cavalcante (2012). Em seguida, serão apresentadas as origens e classificações da intertextualidade nos estudos literários de Piégay-Groy (1996). Por fim, será feita a discussão às contribuições de Paulino, Walty e Cury (2005) sobre a aplicação da intertextualidade na análise de textos.

2.1 A intertextualidade e suas diversas abordagens interconectadas

O conceito de intertextualidade surgiu no âmbito da crítica literária, da francesa, Julia Kristeva (1974), para quem todo texto é totalmente um mosaico de citações de outros textos. A autora, na verdade apoiava-se no postulado bakhtiniano do dialogismo, conforme o qual qualquer enunciado é resposta a enunciados anteriores e potencializa o surgimento de outros enunciados, quer imediatos, quer distantes, portanto, é constitutiva, a relação que um texto estabelece com outros.

Nesse mesmo quadro teórico, Koch (2003, p. 59) apresenta a seguinte concepção de intertextualidade:

Todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior, e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe.

Nesse sentido, seja para reafirmar, criticar ou defender, um texto sempre recupera outros textos, de alguma maneira.

Outros conceitos de intertextualidade dialogam entre si, sobretudo por manterem essa relação entre textos, por meio de critérios. Nas palavras de Marcushi (2008, p.129) “este critério subsumi as relações entre um dado texto e outros textos relevantes encontrados em experiências anteriores, com ou sem mediação”. Há hoje um consenso quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intelectual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário.

Também Marcuschi (2008, p. 132) explica a intertextualidade como um mecanismo da textualidade e defende que: “mais do que um simples critério de textualidade, é também um princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado”. Esse fato é relevante porque dá margem para que se façam interconexões dos mais variados tipos para a própria interpretação.

A Linguística Textual adotou o princípio dialógico de Bakhtin (1929) de que um texto (enunciado) não existe nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente, ele está sempre em diálogo com outros textos. Assim, todo texto revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Deles fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe.

A intertextualidade, a cada ano que passa, tem se tornado cada vez mais um objeto de estudo na área da Linguística Textual, que analisa como os textos se relacionam no contexto comunicativo, e na Teoria Literária, que investiga as influências e diálogos entre obras literárias. Ambas as áreas, embora com abordagens teóricas distintas, parecem evoluir paralelamente ao desenvolvimento da sociedade.

As produções humanas, embora aparentemente desconexas, encontram-se em constante inter-relação. Na verdade, constrói-se uma grande rede, com o trabalho de indivíduos e grupos, onde os fios são formados pelos bens culturais. Se se considerar toda e qualquer produção humana como texto a ser lido, reconstruído por nós, a sociedade pode ser vista como uma rede intertextual, em constante movimento. O espaço da cultura é, pois, intertextual. (Paulino; Walty; Cury,2005, p.12)

Assim como a sociedade, em muitas questões culturais, realiza apenas adaptações, recortes ou acrescenta um elemento a mais — seja na moda, nos objetos ou nas receitas —, assim também se manifesta a intertextualidade, conforme a analogia de Paulino, Walty e Cury (2005, p.13) que compara a intertextualidade a uma receita de bolo, onde dependendo de quem for fazer a receita muda o sabor do bolo.

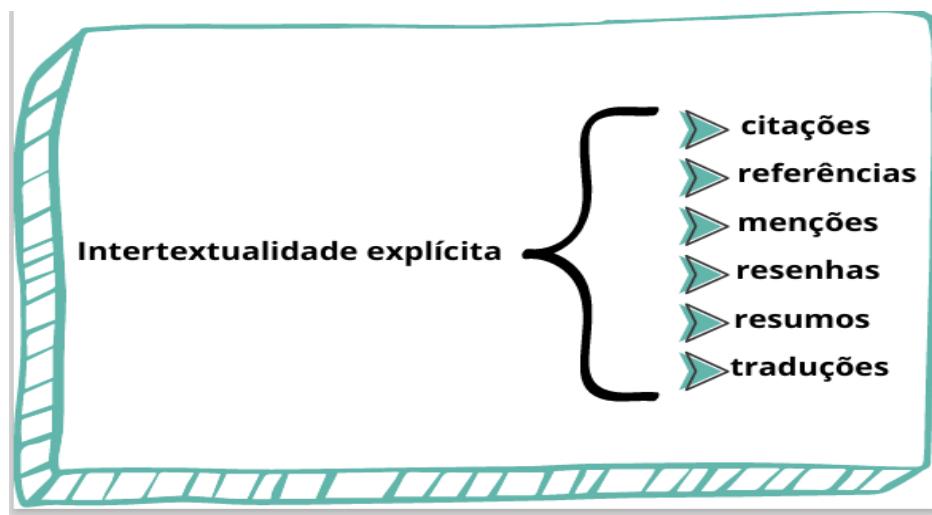
Na abordagem do estudo dos textos, destacam-se as categorias de intertextualidade propostas por Koch (2004, 2016), que foram ampliadas por Koch, Bentes e Cavalcante (2012). Essas autoras realizam um estudo acerca dos conceitos de intertextualidade e polifonia, com o objetivo de analisar se ambos os termos designam o mesmo fenômeno ou, caso contrário, se é possível estabelecer uma distinção entre eles.

Atualmente, no campo da crítica literária, a intertextualidade se consolidou como um conceito fundamental para entender a literatura. Da mesma forma, a intertextualidade é essencial para a Linguística Textual, na qual Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 13) afirmam: “A Linguística Textual incorporou o postulado de Bakhtin (1929), de que um texto (enunciado) não existe nem pode ser avaliado ou compreendido isoladamente; ele está sempre em diálogo com outros textos”.

2.2 Intertextualidade Explícita e Implícita

De acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p.28) A intertextualidade é explícita quando a fonte do intertexto é citada diretamente no texto, atribuindo-se a fala a outro enunciador, como em expressões como 'Como diz o povo...' ou 'Segundo os antigos...'.

Quadro 1- Intertextualidade explícita



Fonte: autoria própria

Um exemplo de intertextualidade explícita em um trecho de redação nota mil do Enem do ano de 2016 com o tema “Caminhos para combater a intolerância Religiosa no Brasil”

Conforme Aristóteles, a poética deve ser utilizada de modo que, por meio da justiça, o equilíbrio seja alcançado na sociedade. De maneira análoga, é possível perceber que, no Brasil, a perseguição religiosa rompe essa harmonia;

Fonte: trecho de uma redação nota mil do Enem do ano de 2016/Site G1/Reprodução INEP

Neste exemplo, o candidato faz uma intertextualidade explícita, pois menciona diretamente Aristóteles e sua teoria sobre a função moral da arte.

Na intertextualidade implícita é quando o autor não cita ou menciona o autor do outro texto, ou não escreve de forma tal qual como o outro autor mencionou. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p.31):

A intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor / ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido, mas particularmente, é claro, no caso da subversão.

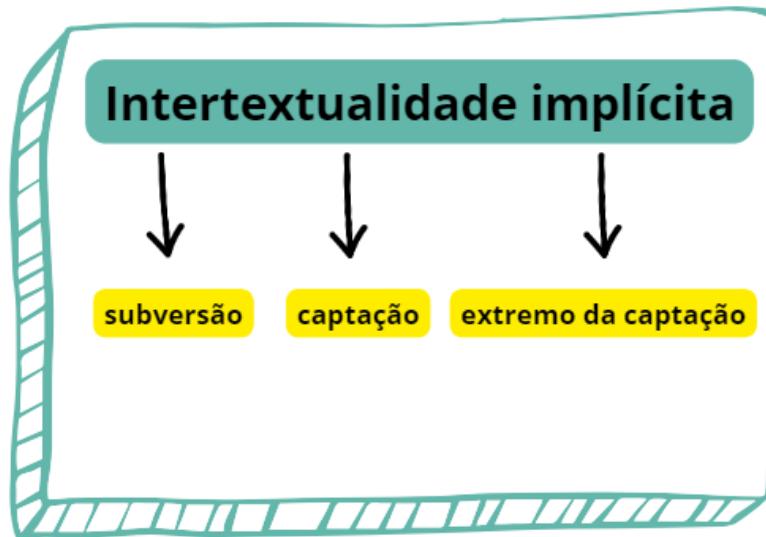
Somente assim, tirando as pedras do meio do caminho, construir-se-á um Brasil mais tolerante.

Fonte: trecho de uma redação nota mil do Enem do ano de 2016/Site G1/Reprodução INEP

Neste exemplo, o candidato faz uma intertextualidade implícita, pois não menciona nem o autor nem a obra, apenas utiliza uma frase. O candidato espera que o leitor consiga identificar e relacionar essa frase ao seu texto, o que exige um conhecimento prévio sobre a famosa frase de Carlos Drummond de Andrade.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 31) dividem a intertextualidade implícita como mostra o quadro abaixo:

Quadro 2 - Intertextualidade implícita



Fonte: autoria própria

As autoras em questão dividem a intertextualidade implícita em três modalidades, sendo que cada uma delas apresenta um estilo distinto dessa relação intertextual.

A intertextualidade implícita por subversão ocorre quando o autor do texto espera que o leitor seja capaz de reconhecer o texto-fonte. Nesse caso, a relação intertextual é mais indireta, e o autor subverte ou distorce elementos do texto original, confiando no conhecimento prévio do leitor sobre o texto-fonte para entender essa transformação. Um exemplo de intertextualidade implícita por subversão:

Sob essa conjectura, a tese marxista disserta acerca da inescrupulosa atuação do Estado, que assiste apenas a classe dominante.

Fonte: trecho de uma redação nota mil do Enem do ano de 2016/Site G1/Reprodução INEP

Neste exemplo, pode ser considerado como intertextualidade implícita por subversão, pois o candidato faz uma referência à visão marxista sobre o papel do Estado, mas a forma como ele a descreve ("inescrupulosa atuação do Estado") pode ser interpretada como uma subversão do conceito, pois transmite uma crítica direta ao comportamento do Estado. Por exemplo, o Marxismo tradicionalmente vê o Estado como um instrumento da classe dominante, mas o uso de termos como "inescrupulosa" e "favorece exclusivamente a classe dominante" introduz um tom mais forte e crítico, subvertendo a ideia de que o Estado apenas "assiste" à classe dominante, sugerindo uma ação mais ativa e corrupta.

Essa abordagem pode ser considerada uma subversão implícita das ideias marxistas, onde você, sem citar diretamente o autor ou obra, faz um uso crítico e distorcido da teoria para servir à sua própria argumentação. O leitor, ao perceber o contexto e ter algum conhecimento sobre o pensamento marxista, reconhece a referência, mesmo que não tenha sido mencionada de forma explícita.

A intertextualidade implícita por captação assemelha-se a uma paráphrase, em que o autor do texto se aproxima mais diretamente do texto-fonte, de modo que o leitor não precise se esforçar excessivamente para identificar a origem do conteúdo. Nessa modalidade, o autor realiza uma adaptação mais evidente, preservando o reconhecimento do texto-fonte de maneira clara e acessível. Um exemplo de intertextualidade implícita por captação:

Nesse contexto, é importante salientar que, segundo Sócrates, os erros são consequência da ignorância humana. Logo, é válido analisar que o desconhecimento acerca de crenças diferentes influí decisivamente em comportamentos inadequados contra pessoas que seguem linhas de pensamento opostas.

Fonte: trecho de uma redação nota mil do Enem do ano de 2016/Site G1/Reprodução INEP

Neste exemplo, o candidato menciona Sócrates e sua visão sobre os erros e a ignorância humana, mas não cita diretamente suas obras ou uma fonte específica, fazendo com que a relação com o filósofo seja implícita. O leitor familiarizado com as ideias de Sócrates provavelmente reconhece a referência à sua teoria, que sugere que as falhas humanas vêm da falta de conhecimento (ignorância), sem que você precise detalhar ou citar diretamente o autor.

Ao construir esse raciocínio, o candidato capta o conceito socrático de forma implícita, esperando que o leitor o reconheça e faça a conexão com a filosofia socrática. Assim, o texto recorre ao conhecimento prévio do leitor sobre Sócrates e suas ideias, o que caracteriza uma intertextualidade implícita por captação.

Por fim, a intertextualidade implícita por extremo captação, que se caracteriza pelo plágio, ocorre quando o autor utiliza elementos do texto-fonte de forma tão próxima e direta que seu objetivo é, de fato, que o leitor não seja capaz de identificar o texto original. O autor recorre a diversas estratégias, como substituições de

palavras, omissões e alterações, com a intenção de ocultar a origem do conteúdo, apresentando uma versão que se confunde com o original.

Em síntese, os três tipos de intertextualidade implícita variam desde uma referência mais livre e subversiva até uma reprodução quase exata do texto-fonte, com o uso de modificações para mascarar sua origem. Tal distinção é fundamental para compreender as diferentes formas de diálogo entre textos e as implicações criativas e éticas dessas interações. Na seção seguinte será discutida os tipos de relações intertextuais por copresença e por derivação.

2.3 Relações Intertextuais por copresença e derivação

De acordo com Piègay-Gros (1996), as relações intertextuais são divididas em: relações de copresença e relação de derivação. As relações por copresença subdividem-se em: citações e referência explícitas, e plágio e alusão implícitas. As relações por derivação subdividem-se em três: paródia, travestismo burlesco, pastiche e paráfrase.

As relações intertextuais estabelecidas por copresença são aquelas em que é possível perceber, por meio de distintos níveis de evidência, a presença de fragmentos de textos previamente produzidos, os quais são encontrados em outros textos; a relação por citação, é o tipo de intertextualidade que mais costuma vir assinalada por sinais tipográficos diversos (como aspas, recuo de margem, itálico, diminuição de fonte etc.), que demarcam uma fronteira entre o texto citado e o texto em que ela se encontra; a relação por plágio é a apropriação indevida do texto alheio de forma que o plagiário assume como sua autoria do texto de outrem; a relação por referência diz respeito ao processo de remissão a outro texto sem, necessariamente, haver citação de um trecho; a relação intertextual por alusão é uma espécie de referenciamento indireta, como uma retomada implícita, uma sinalização para o coenunciador de que, pelas orientações deixadas no texto, ele deve apelar à memória para encontrar o referente não dito.

Parece-me, hoje, haver cinco tipos de relações transtextuais, que enumerarei numa ordem crescente de abstração, implicação e globalidade. O primeiro foi, há alguns anos, explorado por Julia Kristeva, sob o nome de intertextualidade, e esta nomeação nos fornece evidentemente nosso paradigma terminológico. Quanto a mim, defino-o de maneira sem dúvida restrita, como uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é,

essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em outro. Sua forma mais explícita e mais literal é a prática tradicional da citação (com aspas, com ou sem referência precisa); sua forma menos explícita e menos canônica é a do plágio [...], que é um empréstimo não declarado, mas ainda literal; sua forma ainda menos explícita e menos literal é a alusão, isto é, um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro. Genette (2006), apud Cavalcante (2009, p.23)

As relações intertextuais por derivação acontecem quando um texto deriva de outro previamente existente, a literatura especializada tem trazido as seguintes categorias: a paródia, o pastiche e o travestimento burlesco e a paráfrase. A derivação por paródia é atribuída a músicas bastante conhecidas que passam por transformação na letra, gerando um texto humorístico; a derivação por travestimento burlesco se origina de outros textos, mas se diferencia por ser “baseado na reescrita de um estilo a partir de uma obra cujo conteúdo é conservado” (Piègay – Gros, 1996: 56 – 57). O pastiche também é um tipo de intertextualidade por derivação, porém um pouco diferente dos dois últimos citados, enquanto nos outros havia uma alteração da forma do texto (transformação) o pastiche se caracteriza por imitação de um estilo de um autor ou traços de sua autoria; a paráfrase é citada como um exemplo de intertextualidade por Sant’Anna (1998) e se caracteriza por ser uma repetição de outro texto, com o objetivo de esclarecê-lo, com a utilização de palavras próprias do autor do texto “atual”. Por ter geralmente “efeito de condensação”, já que o objetivo é reforçar o que já foi dito. Muitas vezes, acontece de essa reiteração originar um comentário bem maior que o do texto-fonte, e essa tende a ser uma das relações intertextuais mais usadas, principalmente nos textos acadêmicos.

A seguir, apresenta-se um quadro reorganizado por Koch, Bentes e Cavalcante (2012), com o objetivo de proporcionar um entendimento mais claro das categorias de intertextualidade propostas por Piègay-Gros (1996), relacionadas à derivação e à copresença, de forma explícita e implícita

Quadro 3 - Relações de copresença e derivação

Copresença	Citação
	Referência
	Plágio
	Alusão
Derivação	Paródia e travestimento burlesco
	Pastiche

Fonte: Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p.136)

Quadro 4 - Relações por copresença

Relações de copresença	
Explícitas	Citação
	Referência
Implícitas	Plágio
	Alusão

Fonte: Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p.130)

As categorias de intertextualidade propostas por Piégay-Gros (1996) proporcionam uma compreensão aprofundada das distintas formas de interação entre textos, dividindo-as em copresença e derivação. As relações de copresença, que envolvem citações e referências explícitas, assim como alusão e plágio implícitos, destacam a maneira como os textos se conectam de forma direta ou indireta. Por sua vez, as relações de derivação, representadas por paródia, pastiche, travestimento burlesco e paráfrase, demonstram como um texto pode se transformar, reinterpretar ou imitar outro de maneiras diversas, seja por meio de uma reconfiguração crítica ou estilística. Essas categorias permitem compreender a intertextualidade como um fenômeno dinâmico, no qual os textos não existem isoladamente, mas em constante

diálogo com obras anteriores, o que enriquece a produção literária e acadêmica e revela a complexidade da construção de significados na linguagem. Na seção seguinte, será discutida o gênero textual da redação do Enem, que é o dissertativo argumentativo.

3 REDAÇÃO DO ENEM: UM GÊNERO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO

A redação do Enem é um gênero dissertativo-argumentativo, com o objetivo de avaliar a capacidade do candidato de apresentar sua opinião de maneira clara e fundamentada, por meio de argumentos consistentes, utilizando seu repertório sociocultural e suas habilidades linguísticas. Este gênero textual exige do candidato uma argumentação estruturada que aborde a proposta de maneira objetiva, sem desviar do tema e respeitando os limites de cada seção da redação: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Na introdução, o candidato deve contextualizar o tema proposto, apresentando-o de forma clara e objetiva, além de sinalizar sua posição sobre o assunto. O desafio é equilibrar a apresentação do tema com a argumentação inicial, sem aprofundar a discussão, mas mostrando a relevância da questão. O desenvolvimento é a parte mais extensa, em que o candidato deve apresentar seus argumentos principais, que sustentam sua opinião, utilizando, por exemplo, dados, experiências de leitura ou referências culturais. A coesão textual é essencial, pois os argumentos devem se interligar e se desenvolver de forma lógica e fluida. Ao mesmo tempo, é importante que a redação não caia na repetição de ideias, mantendo um ritmo de construção progressiva. Já na conclusão, o objetivo é sintetizar a argumentação e propor soluções práticas e viáveis para o problema discutido, com base nos argumentos apresentados. O candidato deve mostrar uma reflexão crítica sobre o tema e encerrar de forma incisiva, deixando claro como sua proposta contribui para a solução do problema. Logo abaixo um quadro explicativo sobre o que é um texto dissertativo argumentativo que o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) disponibiliza ao aluno, na cartilha do estudante, nesse caso do ano de 2016:

Quadro 5 - O que é um texto dissertativo argumentativo

<p>I – Apresentar uma tese, desenvolver justificativas para comprová-la e uma conclusão que dê fecho à discussão elaborada no texto, compondo o processo argumentativo.</p>	<p>TESE – É a ideia que você vai defender no seu texto. Ela deve estar relacionada ao tema e deve estar apoiada em argumentos ao longo da redação.</p> <p>ARGUMENTOS – É a justificativa para convencer o leitor a concordar com a tese defendida. Cada argumento deve responder à pergunta “por quê?” em relação à tese defendida.</p>
<p>II – Utilizar estratégias argumentativas para expor o problema discutido no texto e detalhar os argumentos utilizados.</p>	<p>ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS – São recursos utilizados para desenvolver os argumentos, de modo a convencer o leitor:</p> <ul style="list-style-type: none"> • exemplos; • dados estatísticos; • pesquisas; • fatos comprováveis; • citações ou depoimentos de pessoas especializadas no assunto; • pequenas narrativas ilustrativas; • alusões históricas; e • comparações entre fatos, situações, épocas ou lugares distintos.

REDAÇÃO NO ENEM 2016 CARTILHA DO PARTICIPANTE

Fonte: cartilha do participante redação do ENEM 2016

É evidente que muitos candidatos ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), especialmente aqueles que o realizam pela primeira vez, não têm acesso ou não fazem uso adequado da cartilha do estudante, que é uma ferramenta fundamental para a preparação para a prova. A cartilha contém orientações essenciais sobre o formato do exame, as competências exigidas nas questões e as diretrizes para a elaboração da redação. No entanto, por desconhecimento ou falta de orientação, muitos estudantes não se atentam a esse material e, como resultado, acabam não aproveitando as informações que poderiam aprimorar seu desempenho.

Nesse contexto, a função do educador torna-se crucial. Os professores desempenham um papel fundamental ao informar os alunos, principalmente os novatos, sobre os recursos disponíveis e como utilizá-los de maneira eficaz. A orientação adequada dos docentes pode ser a chave para garantir que o estudante se prepare adequadamente para o exame, compreendendo todas as etapas e

requisitos exigidos. A cartilha do estudante, disponibilizada pelo INEP, deve ser amplamente divulgada, pois oferece uma visão detalhada sobre as características da prova, incluindo a estrutura da redação e as expectativas em relação à argumentação e à coesão textual. A falta de acesso a esse documento pode prejudicar a compreensão dos candidatos sobre o que é esperado deles durante o exame, dificultando sua preparação.

Portanto, é imperativo que os professores incentivem seus alunos a consultarem esse material e orientem sobre como utilizá-lo da melhor maneira. Além disso, é importante que forneçam suporte contínuo no processo de preparação para o Enem, sugerindo fontes de estudo complementares, como simulados e práticas de redação, além de ensinar técnicas de gestão do tempo durante a prova. A prática constante e a familiarização com o formato do exame são essenciais para garantir que os alunos estejam bem preparados e confiantes.

O Enem representa uma oportunidade significativa para o ingresso no Ensino Superior, e é fundamental que os alunos, especialmente os novatos, tenham pleno acesso às informações necessárias para uma preparação eficaz. Nesse cenário, a atuação do professor é imprescindível, não apenas para orientar sobre a utilização de materiais como a cartilha do estudante, mas também para garantir que os alunos adotem estratégias de preparação adequadas. O acompanhamento contínuo dos educadores é essencial para o sucesso dos alunos no Enem, promovendo uma preparação mais consciente e estratégica para o exame.

Por meio de registros reflexivos, pessoas descrevem, por exemplo, o que aprenderam e como aprenderam aquilo que aprenderam num determinado período ou durante uma atividade. Mais do que isso: ao produzir (na modalidade oral ou escrita) os registros reflexivos de aprendizagem, sujeitos criam narrativas do seu próprio percurso de formação, registram suas dúvidas e inseguranças, o que corrobora para a reorganização da aprendizagem, além de levantar informações relevantes para o professor. Ao criar narrativas e descrições sobre as produções de textos, os estudantes acabam, paulatinamente, por tomar consciência do que fazem quando escrevem ou leem. E isso os leva ao aperfeiçoamento das práticas de escrita e de leitura. (Bento, 2016, p. 257)

Ao refletirem sobre o seu aprendizado e registrarem suas dúvidas e processos, os estudantes se tornam mais conscientes do que fazem ao escrever ou ler, o que contribui para melhorar suas habilidades. Na próxima seção será apresentada a contribuição da intertextualidade para a clareza e coesão da redação.

3.1 A contribuição da intertextualidade para a clareza e coesão da redação

A intertextualidade desempenha um papel crucial na clareza e coesão de uma redação, especialmente em textos dissertativo-argumentativos, como as redações do Enem. Quando utilizada de forma estratégica, ela não apenas enriquece o conteúdo, mas também melhora a estrutura e organização do texto, resultando em um discurso mais fluido e coerente.

A clareza da redação é significativamente aprimorada com o uso de intertextualidade, pois ela permite que o autor recorra a fontes e autores reconhecidos para reforçar suas ideias. Ao citar um filósofo ou pensador amplamente conhecido, por exemplo, o escritor consegue ilustrar conceitos de forma mais direta e eficaz, o que facilita a compreensão por parte do leitor. Além disso, a intertextualidade torna os argumentos mais acessíveis, já que o escritor pode pressupor que o leitor compartilhe conhecimento sobre os autores ou temas citados, agilizando o entendimento das ideias expostas.

A coesão do texto, por sua vez, também é beneficiada pela intertextualidade, pois ela cria conexões entre diferentes fontes, discursos e pontos de vista. Ao referenciar outras obras ou autores, o escritor estabelece vínculos explícitos entre suas ideias e as ideias presentes em outras produções intelectuais, o que organiza melhor o encadeamento lógico do texto. Esse recurso ajuda a garantir que o leitor compreenda a sequência de raciocínios de forma mais clara, além de dar unidade ao discurso como um todo.

Ao se referir a pensadores como Jean-Paul Sartre, que discute a liberdade individual, ou Émile Durkheim, que aborda o papel da religião na sociedade, por exemplo, o escritor pode enriquecer sua argumentação e esclarecer seu ponto de vista. Essas referências contribuem não apenas para a compreensão do que está sendo defendido, mas também para a construção de um raciocínio mais sólido e fundamentado. A intertextualidade, assim, ajuda a evitar repetições desnecessárias e a diversificar a forma como os argumentos são apresentados, tornando o texto mais fluido e persuasivo.

Outro benefício importante da intertextualidade é a autoridade que ela confere ao texto. Ao citar autores renomados, o escritor agrupa credibilidade à sua argumentação. Isso é particularmente relevante em contextos como o Enem, onde

uma argumentação sólida e bem fundamentada é essencial para alcançar uma boa pontuação. A utilização de citações e referências a fontes respeitadas fortalece os argumentos e demonstra o domínio do tema, tornando o texto mais convincente.

Portanto, a intertextualidade é um recurso valioso para a clareza e coesão de uma redação. Ela facilita a compreensão das ideias, organiza e conecta os diferentes argumentos, além de conferir maior credibilidade ao texto. Ao utilizar esse recurso de forma adequada, o escritor consegue criar uma redação mais coesa, estruturada e persuasiva, o que é fundamental para o sucesso em avaliações como o Enem.

No Quadro 5 da página 24 deste trabalho retirado da Cartilha do Participante do ENEM de 2016, são apresentadas as estratégias argumentativas que os candidatos devem adotar ao elaborar a redação dissertativo-argumentativa. Tais estratégias são essenciais para a construção de um texto coerente e bem fundamentado, incluindo abordagens como o uso de dados, exemplos, citações de autoridade, entre outros recursos que corroboram e reforçam os argumentos expostos.

Entre essas estratégias, destaca-se a intertextualidade, que consiste na utilização de referências a outros textos ou discursos dentro do corpo da redação. A intertextualidade possibilita ao candidato estabelecer um diálogo com outras fontes, o que contribui para conferir maior credibilidade e profundidade à argumentação. Ao empregar esse recurso, o aluno não apenas demonstra domínio do conteúdo abordado, mas também evidencia sua capacidade de integrar diferentes perspectivas, ampliando as possibilidades de análise e reflexão sobre o tema proposto.

Argumentar pode ser entendido como uma prática discursiva cujo objetivo é influenciar a opinião do outro, e isso se dá por meio da elaboração e organização das ideias que sustentam uma tese. De acordo com Vanda Maria Elias (2016), a argumentação exige uma construção cuidadosa do raciocínio, que muitas vezes depende do que é sugerido de maneira implícita no discurso. Abaixo um quadro que demonstra a pontuação para quem usa melhor das estratégias argumentativas:

Quadro 6: Níveis de desempenho avaliados na competência 3

200 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista.
160 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista.

REDAÇÃO NO ENEM 2016
CARTILHA DO PARTICIPANTE

120 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, limitados aos argumentos dos textos motivadores e pouco organizados, em defesa de um ponto de vista.
80 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, mas desorganizados ou contraditórios e limitados aos argumentos dos textos motivadores, em defesa de um ponto de vista.
40 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões pouco relacionados ao tema ou incoerentes e sem defesa de um ponto de vista.
0 ponto	Apresenta informações, fatos e opiniões não relacionados ao tema e sem defesa de um ponto de vista.

Fonte: Cartilha do Participante do ano de 2016

A Competência 3 do ENEM de 2016 é a que avalia a capacidade de argumentação. Essa competência verifica se o candidato consegue apresentar e defender uma proposta de intervenção para o problema abordado, além de organizar e sustentar suas ideias de forma consistente ao longo do texto.

Ou seja, o avaliador busca perceber se o estudante é capaz de expor uma argumentação lógica e coerente, defendendo seu ponto de vista de maneira clara e estruturada, utilizando exemplos, dados, justificativas e outros recursos para reforçar a argumentação. Também é importante que a proposta de intervenção seja viável e esteja de acordo com os direitos humanos, como exige a prova.

A utilização adequada da intertextualidade, enquanto estratégia argumentativa, é valorizada nas avaliações do ENEM. Quando bem aplicada, essa abordagem confere coesão e clareza ao texto, facilitando a compreensão por parte do avaliador e fortalecendo a sustentação dos argumentos. Dessa forma, a intertextualidade se revela como um recurso de grande relevância, cuja aplicação correta pode resultar em uma pontuação mais elevada, uma vez que demonstra a habilidade do candidato em dialogar com diferentes discursos e construir um texto sólido e bem fundamentado.

A intertextualidade é uma característica marcante da redação do Enem, pois permite que o candidato enriqueça sua argumentação com referências a obras

literárias, autores, filósofos e acontecimentos históricos. Isso pode ser feito por meio de citações diretas, alusões ou até paráfrases, desde que essas referências estejam diretamente relacionadas ao tema e ajudem a fundamentar o raciocínio do candidato. Orienta-se que não use essas referências de modo excessivo, mas estratégico, buscando sempre agregar valor ao texto e demonstrar que o candidato tem um domínio amplo de conteúdo e é capaz de estabelecer conexões significativas entre diferentes áreas do saber.

Contudo, o uso da intertextualidade exige cuidado. Ela deve ser incorporada ao texto de maneira que realmente contribua para a construção da argumentação, e não apenas para demonstrar conhecimento. É recomendável que o estudante não a use de forma superficial, mas sim integrá-las à sua visão crítica sobre o tema. Além disso, a utilização de intertextualidade deve estar alinhada com os princípios da proposta de intervenção, que é um ponto-chave da redação do Enem. A proposta de intervenção deve ser viável, respeitar os direitos humanos e ser fundamentada em uma reflexão sobre as características sociais e culturais do Brasil.

Nesse sentido, o respeito à diversidade e aos direitos humanos é fundamental na construção da redação. O candidato deve apresentar soluções que, além de práticas e possíveis, estejam em conformidade com a realidade social do país e que sejam inclusivas, não discriminatórias e que promovam o bem-estar coletivo. Dessa forma, ao integrar a intertextualidade e a proposta de intervenção com uma argumentação sólida e bem fundamentada, o candidato está mais apto a apresentar uma redação que atenda aos critérios de avaliação, que incluem clareza, coesão, relevância e, especialmente, o respeito aos direitos individuais e coletivos.

Assim, a redação do Enem exige do candidato não só a habilidade de articular argumentos de forma lógica, mas também o domínio de conhecimentos que lhe permitam enriquecer seu texto com intertextualidade de maneira relevante, respeitando a diversidade e buscando sempre soluções inclusivas e humanistas para os problemas apresentados. A intertextualidade, quando bem aplicada, serve como uma ferramenta poderosa para fortalecer a argumentação e destacar a capacidade do candidato de pensar criticamente sobre as questões sociais do Brasil.

No capítulo de Textos dissertativos argumentativos, Maria Luisa Sales Coroa afirma: "É pela capacidade de construir, intencionalmente, significados e, com eles, agir sobre a natureza e o mundo, modificando-os segundo nossa vontade que nos distinguimos dos demais habitantes do planeta Terra" (Coroa, 2016, p.50).

3.2 A importância do estudo do gênero dissertativo argumentativo em sala de aula

É importante enfatizar a importância de se trabalhar em sala o gênero dissertação, os docentes precisam tornar o texto dissertativo, como atividade comum entre os assuntos trabalhados em sala. É um gênero textual em que se o aluno não tiver vivências, conhecimentos, leituras de mundo e específicas, ele não conseguirá elaborar um bom texto para que tenha êxito no vestibular e entrar para tão sonhado ensino superior. Segundo Lopes-Rossi (2002, p. 29), o desenvolvimento da competência comunicativa é imprescindível para que o aluno aja como sujeito ativo em suas produções textuais e, para tanto, a competência comunicativa “[...] deve incluir, além de conhecimentos linguísticos referentes ao léxico e à estrutura da língua, também conhecimentos específicos a respeito dos diferentes gêneros discursivos”.

Lopes-Rossi (2002, p. 28) enfatiza que o aluno deve conhecer as condições de produção e de circulação, bem como as características típicas do gênero abordado, para agir como um sujeito ativo na produção de textos, ao observar a adequação do vocabulário, a utilização dos recursos linguísticos e a escolha de informações adequadas ao propósito do texto. Hoje, com “bombardeio” de informações, “torna-se necessário formar alunos com capacidade crítica, a fim de que possam discriminar os problemas, estabelecer valores e efetuar escolhas sensatas”. (SILVA, 2002, p. 52).

Segundo José Luiz Fiorin (2007. p. 101), Bakhtin em sua teoria não considerava o produto e sim o processo de produção do gênero. Com isso, avaliar qualquer produção textual como tipo ou gênero não depende apenas do produto final realizado pelo aluno, mas de todo o processo que acarretou a produção. Por isso, o texto dissertativo-argumentativo pode ser um gênero porque ao se analisar o processo de produção, percebe-se que o referido texto possui todas as condições que Bakhtin atribuía a um gênero.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também sobretudo por sua construção composicional (Bakhtin, 1997, p. 279).

A teoria de Mikhail Bakhtin é fundamental para a compreensão da dinamicidade da linguagem e de como ela se insere nas diferentes esferas da atividade humana. Ao afirmar que a língua se efetua em "enunciados concretos e únicos", Bakhtin destaca a ideia de que a comunicação verbal, seja oral ou escrita, nunca ocorre de forma isolada, mas sim em um contexto específico, com objetivos claros que variam de acordo com a situação comunicativa.

Um dos pontos-chave do pensamento bakhtiniano é a ideia de que nenhum enunciado é neutro ou isento de contexto social. Em vez disso, cada ato comunicativo está imerso em uma rede de significados, influências culturais e interações sociais. A escolha das palavras e da estrutura gramatical não é apenas uma questão de regra linguística, mas também uma resposta ao contexto social e ao papel que o enunciado deve desempenhar nesse contexto.

Essa perspectiva bakhtiniana pode ser muito útil na análise dos textos, pois oferece uma visão mais ampla sobre como as palavras e as ideias estão sempre em diálogo com o mundo social e cultural, e não são simplesmente uma transcrição de pensamentos individuais. A partir dessa visão, podemos compreender melhor como os discursos são moldados por fatores externos e internos, como as relações de poder, a ideologia, a classe social, a cultura, entre outros.

Por fim, essa ideia reforça a noção de que a comunicação não é uma atividade isolada ou mecânica, mas sempre um processo interativo, onde o emissor e o receptor influenciam mutuamente o significado do enunciado. Essa troca constante e o caráter dinâmico da língua são elementos centrais na obra de Bakhtin e ajudam a compreender como a língua reflete e constrói a realidade social de forma contínua.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, são apresentadas as escolhas metodológicas adotadas, abrangendo o objeto de estudo, as estratégias e os instrumentos utilizados para a coleta e análise dos dados. Além disso, os resultados da pesquisa são discutidos à luz das referências teóricas selecionadas. O capítulo está estruturado nos seguintes tópicos: "Natureza da Pesquisa", "Procedimentos de Coleta e Análise", "Caracterização do Corpus" e "Análise e Resultados das redações nota mil do ano de 2016", proporcionando uma organização clara e sistemática da metodologia e dos resultados obtidos.

4.1 Natureza da Pesquisa

A pesquisa aqui empreendida é de natureza descritiva, visto que o objetivo foi analisar as relações intertextuais presentes nas redações nota mil do ENEM do ano de 2016 e identificar a intertextualidade presente nas redações para fundamentar e validar a argumentatividade.

A respeito disso, Gil (2010, p.28) explica que "as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis". Para tanto, foi realizada uma interpretação dos dados coletados, embasando-se no estudo do aparato teórico, coleta e análise do corpus.

No que diz respeito à abordagem qualitativa do trabalho, vale ressaltar que Denzin e Lincoln (2006, p. 17), esclarecem que esta engloba um enfoque "naturalista, interpretativista, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem".

Além disso, realizou-se um estudo dos dados bibliográficos, considerando que os estudos teóricos foram registrados de acordo com o posicionamento dos mesmos e deram vazão a este trabalho. Desse modo, efetuou-se através da realização da busca por fontes científicas, por meio da leitura de livros, artigos da área da linguística textual e monografias. Visando identificar as concepções de diversos autores sobre o tema investigado, visto que, conforme Gil (2010, p.29), "a pesquisa bibliográfica é

elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos".

Nessa conjuntura, visando fundamentar a pesquisa bibliográfica, usou-se autores como: Julia Kristeva (1974) que conceituou a intertextualidade onde ela diz que todo texto é um mosaico de outros textos; De acordo com Piégay-Gros (1996), as relações intertextuais são divididas em: relações de copresença e relação de derivação. bem como Koch, Bentes e Cavalcante (2012), que fizeram um estudo segundo o postulado de Bakthin onde ele diz que o texto só tem vida em contato com outro; tal como Paulino, Walty e Cury (2008) que comprovam o exercício da intertextualidade como entrecruzamento de vozes.

4.2 Procedimentos de Coleta e Análise

No que tange aos procedimentos de coleta e análise dos dados, inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a intertextualidade, com base nos estudos da Linguística Textual (LT). Posteriormente, foram selecionadas quatro redações nota mil do ENEM, as quais serviram de amostra para a identificação das relações intertextuais presentes. A análise focou no papel da intertextualidade na redação nota mil, investigando como os estudantes utilizam essa estratégia para reforçar a argumentação e validar seus pontos de vista.

4.3 Caracterização do *Corpus*

O *corpus* deste estudo é composto por quatro redações nota mil do ENEM referente ao ano de 2016 com o seguinte tema “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”, os quais tiveram a coleta realizada a partir do site do G1 reproduzidas do INEP. O site G1 foi lançado no dia 18 de setembro de 2006, data de aniversário de 56 anos da TV no Brasil. O projeto foi liderado por Carlos Henrique Schroder e foi a primeira iniciativa do Grupo Globo de conteúdo jornalístico pensada exclusivamente para o digital.

O G1 é considerado o maior site de notícias do Brasil e disponibiliza conteúdo de várias empresas do Grupo Globo, como a TV Globo, GloboNews, CBN, O Globo,

Valor Econômico, Época e Globo Rural. O portal também produz reportagens próprias em formato de texto, fotos, áudio e vídeo. Essa coleta ocorreu no período que compreende o intervalo entre setembro e novembro do ano de 2024. A análise das redações nota mil do ENEM 2016 foi fundamentada na identificação das relações intertextuais presentes, observando como os candidatos utilizaram esses recursos para reforçar a argumentação. Foram selecionadas as redações que faziam uso da intertextualidade para resumir e conectar ideias, considerando o contexto e o cotexto.

5 ANÁLISE E RESULTADOS DAS REDAÇÕES NOTA MIL DO ANO DE 2016

Este capítulo apresenta uma análise de 04 (quatro) redações nota mil do ENEM do ano de 2016, identificadas como: Redação Nota Mil N°1, Redação Nota Mil N°2, Redação Nota Mil N°3 e Redação Nota Mil N°4. Assim, procurou-se identificar os elementos específicos de cada texto, para entender como estes conseguiram obter nota máxima no certame. Os quatro textos selecionados para análise foram escolhidos por meio de sorteio simples, eles apresentam características próprias, mas, atenderam as exigências do certame, pois, de acordo com a cartilha do participante (Brasil,2022, p.26):

Quadro 7: Competências para atingir nota Mil

Competência 1	Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.
Competência 2	Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
Competência 3	Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
Competência 4	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
Competência 5	Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Fonte: cartilha do participante ENEM 2016

Considerando que estas cinco competências formam a base de avaliação das redações, observou-se que sua organização estrutural e disposição de informações no texto, para que este seja coerente e coeso, que tenha uma sequência cronológica de fatos, ainda, observando se o redator fez uso correto da linguagem formal, como também, avaliou a capacidade de domínio do conteúdo, uso das regras gramaticais. Todos estes elementos caracterizam uma produção que faz uso da intertextualidade, no que se refere à base de produção de texto, pois é necessário seguir estas normatizações para que a redação seja bem elaborada. Assim, constam as análises das redações do ano de 2016, onde o tema abordado foi: “Combate a intolerância religiosa no Brasil”.

Análise da primeira redação:

Quadro 8: Redação Nota Mil N°1

Fonte: G1/Trecho da redação notam mil/Enem 2016 — Foto: Reprodução/Inep

1	O liberalismo de Marx
2	De acordo com Albert Camus, escritor angolino do século XX, se houver falhas na conciliação entre 3 justiça e liberdade, haverá insegurança de ampla espectra. Nesse sentido, o intelectuário religioso no Brasil 4 fez não sómente pressupostos éticos e morais, mas também constitucionais estabelecidos pela Constituição Magna 5 do país. Dessa forma, observa-se que a liberdade de cunho nacional suffre um análogo desafio devido a 6 partir de reflexos históricos, seja pelo desenrolcamento de cláusulas pétreas.

Transcrição da redação completa N°1

A locomotiva de Marx

De acordo com Albert Camus, escritor argelino do século XX, se houver falhas na conciliação entre justiça e liberdade, haverá intempéries de amplo espectro. Nesse sentido, a intolerância religiosa no Brasil fere não somente preceitos éticos e morais, mas também constitucionais estabelecidos pela Carta Magna do país. Dessa forma, observa-se que a liberdade de crença nacional reflete um cenário desafiador seja a partir de reflexo histórico, seja pelo descumprimento de cláusulas pétreas.

Mormente, ao avaliar a intolerância religiosa por um prisma estritamente histórico, nota-se que fenômenos decorrentes da formação nacional ainda perpetuam na atualidade. Segundo Albert Einstein, cientista contemporâneo, é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito enraizado. Sob tal ótica, é indubitável que inúmeras ojerizas religiosas, presentes no Brasil hodierno possuem ligação direta com o passado, haja vista os dogmas católicos amplamente difundidos no Brasil colônia do século XVI. Assim, criou-se ao longo da historiografia, mitos e concepções deturpadas de religiões contrárias ao catolicismo, religião oficial da época, instaurou-se, por conseguinte, o medo e as intolerâncias ao diferente. Desse modo, com intuito de atenuar atos contrários a prática da religiosidade individual, cabe ao governo, na figura do Ministério da Educação, a implementação na grade curricular a disciplina de teorias religiosas, mitigando defeito histórico.

Além disso, cabe ressaltar que a intolerância às crenças burla preceitos constitucionais. Nessa perspectiva, a Constituição Brasileira promulgada em 1988, após duas décadas da Ditadura Militar, transformou a visão dos cidadãos perante seus direitos e deveres. Contudo, quase 20 anos depois de sua divulgação, a liberdade de diversos indivíduos continua impraticável. À vista de tal preceito, a intolerância religiosa configura-se uma chaga social que demanda imediata resolução, pois fere a livre expressão individual. Dessa maneira, cabe ao Estado, como gestor dos interesses coletivos, a implementação de delegacias especializadas de combate ao sentimento desrespeitoso e, até mesmo violento, às crenças religiosas.

Destarte, depreende-se que raízes históricas potencializam atos inconstitucionais no Brasil. Torna-se imperativo que o Estado, na figura do Poder Legislativo, desenvolva leis de tipificação como crime hediondo aos atos violentos e atentados ao culto religioso. Ademais, urge que a mídia, por meio de novelas e seriados, transmita e propague a diversidade religiosa, com propósito de elucidar e desmistificar receios populacionais. Outrossim, a escola deve realizar debates periódicos com líderes religiosos, a fim de instruir, imparcialmente, seus alunos acerca da variabilidade e tolerância religiosa. Apenas sob tal perspectiva, poder-se-á respeitar a liberdade e combater a intolerância de crença no Brasil, pois como proferido por Karl Marx: as inquietudes são a locomotiva da nação.

Fonte: Site G1/ Reprodução INEP

A redação nº 1 inicia com uma intertextualidade implícita ao título “A locomotiva de Marx”, fazendo referência ao filósofo Karl Marx, cuja ideia de que as inquietudes são o

motor das mudanças sociais é citada. Marx também via a religião como um protesto contra a opressão. Na introdução, o autor faz uso de uma citação implícita de Albert Camus, ao parafrasear suas ideias, e logo apresenta seu ponto de vista, citando ainda a Carta Magna, conectando a questão da intolerância religiosa ao contexto jurídico e histórico.

Essa intertextualidade usada no início da redação é chamada de epígrafe pois ela é usada para introduzir, o texto principal, uma espécie de citação introdutória. Assim como afirmam Paulino, Waltly e Cury (2005, p. 26): “O texto em epígrafe é presentificado e modificado porque se expõe, como recorte, à nova leitura. Por outro lado, modifica o texto a que está agregado”.

De acordo com Albert Camus, escritor argelino do século XX, se houver falhas na conciliação entre justiça e liberdade, haverá intempéries de amplo espectro.

Fragmento da redação nota mil n° 1

Na terceira linha do segundo parágrafo há outra intertextualidade. O trecho apresentado faz uso da citação indireta ao referir-se a Albert Einstein, mencionando sua ideia de que é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito enraizado. A ideia é reescrita e resumida em outras palavras, sem as aspas, mas ainda mantendo a essência do pensamento de Einstein. Além disso, o texto faz uma intertextualidade histórica, ao conectar as intolerâncias religiosas atuais com os dogmas católicos disseminados durante o período colonial brasileiro, e sugere que a educação deve desempenhar um papel fundamental na mitigação desse preconceito. Assim como declaram Paulino, Waltly e Cury (2005, p. 28) “À retomada explícita de um fragmento de texto no corpo de outro texto denomina-se citação. Trata-se, tradicionalmente, de um modo convencionado de marcar com aspas ou com outros recursos gráficos a presença do texto do outro para o leitor”.

Segundo Albert Einstein, cientista contemporâneo, é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito enraizado.

Fragmento da redação nota mil n° 1

Na conclusão de sua redação encontramos outra intertextualidade o trecho apresenta intertextualidade de forma explícita, ele utiliza uma citação direta de Karl Marx ("as inquietudes são a locomotiva da nação"). Ao referenciar o filósofo, o autor do texto estabelece um diálogo com a teoria marxista sobre a transformação social. E faz um belíssimo desfecho retomando ao título de sua redação. Paulino, Walty e Cury (2005, p.28) asseguram: "A percepção da cultura como mosaico permite a criação de textos de natureza citacional".

Apenas sob tal perspectiva, poder-se-á respeitar a liberdade e combater a intolerância de crença no Brasil, pois como proferido por Karl Marx: as inquietudes são a locomotiva da nação.

Fragmento da redação nota mil n° 1

A intertextualidade na redação contribui para a argumentatividade ao integrar referências de autores renomados como Karl Marx, Albert Einstein e Albert Camus, ampliando a profundidade do discurso sobre a intolerância religiosa. As citações e paráfrases dessas figuras intelectuais fundamentam e validam as ideias apresentadas, conectando-as a contextos históricos e filosóficos amplos. Isso reforça a relevância da proposta de mudança e fortalece a argumentação sobre a necessidade de um combate mais eficaz à intolerância religiosa no Brasil.

Quadro 9: Redação Nota Mil N° 2

1	<i>Orgulho machadiano</i>
2	<i>Brás Cubas, o defunto-autor de Machado de Assis, diz em suas "Memórias Póstumas" que não teve</i>
3	<i>filhos e não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. Talvez hoje ele percebesse</i>
4	<i>acertada sua decisão: a postura de muitos brasileiros frente a intolerância religiosa é uma das</i>
5	<i>faces mais perversas de uma sociedade em desenvolvimento. Com isso, surge a problemática do</i>
6	<i>preconceito religioso que persiste intrinsecamente ligado à realidade do país, seja pela insuficiê</i>
7	<i>ncia de leis, seja pela lenta mudança de mentalidade social.</i>

Fonte: G1/Trecho da redação notam mil/Enem 2016 — Foto: Reprodução/Inep

Transcrição da redação completa N°2

Orgulho Machadiano

Brás Cubas, o defunto-autor de Machado de Assis, diz em suas "Memórias Póstumas" que não teve filhos e não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. Talvez hoje ele percebesse acertada sua decisão: a postura de muitos brasileiros frente a intolerância religiosa é uma das faces mais perversas de uma sociedade em desenvolvimento. Com isso, surge a problemática do preconceito religioso que persiste intrinsecamente ligado à realidade do país, seja pela insuficiência de leis, seja pela lenta mudança de mentalidade social.

É indubitável que a questão constitucional e sua aplicação estejam entre as causas do problema. Conforme Aristóteles, a poética deve ser utilizada de modo que, por meio da justiça, o equilíbrio seja alcançado na sociedade. De maneira análoga, é possível perceber que, no Brasil, a perseguição religiosa rompe essa harmonia; haja vista que, embora esteja previsto na Constituição o princípio da isonomia, no qual todos devem ser tratados igualmente, muitos cidadãos se utilizam da inferioridade religiosa para externar ofensas e excluir socialmente pessoas de religiões diferentes.

Segundo pesquisas, a religião afro-brasileira é a principal vítima de discriminação, destacando-se o preconceito religioso como o principal impulsionador do problema. De acordo com Durkheim, o fato social é a maneira coletiva de agir e de pensar. Ao seguir essa linha de pensamento, observa-se que a preparação do preconceito religioso se encaixa na teoria do sociólogo, uma vez que se uma criança vive em uma família com esse comportamento, tende a adotá-lo também por conta da vivência em grupo. Assim, a continuação do pensamento da inferioridade religiosa, transmitido de geração a geração, funciona como base forte dessa forma de preconceito, perpetuando o problema no Brasil.

Infere-se, portanto, que a intolerância religiosa é um mal para a sociedade brasileira. Sendo assim, cabe ao Governo Federal construir delegacias especializadas em crimes de ódio contra religião, a fim de atenuar a prática do preconceito na sociedade, além de aumentar a pena para quem o praticar.

Ainda cabe à escola criar palestras sobre as religiões e suas histórias, visando a informar crianças e jovens sobre as diferenças religiosas no país, diminuindo, assim, o preconceito religioso. Ademais, a sociedade deve se mobilizar em redes sociais, com o intuito de conscientizar a população sobre os males da intolerância religiosa. Assim, poder-se-á transformar o Brasil em um país desenvolvido socialmente, e criar um legado de que Brás Cubas pudesse se orgulhar."

Fonte: Site G1/ Reprodução INEP

O título dessa redação já carrega intertextualidade literária ao fazer referência ao "orgulho machadiano", uma alusão direta a Machado de Assis. Na introdução, encontra-se uma epígrafe, que é um trecho breve usado para introduzir ou reforçar um ponto de vista. Nesse caso, o autor utiliza uma paráfrase de Brás Cubas, personagem de Machado de Assis, a fim de dar embasamento e estabelecer um diálogo com a obra do escritor, ressaltando a conexão entre as ideias do autor e a argumentação da redação. A intertextualidade nesse trecho faz uso da citação indireta de Brás Cubas, personagem das "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis, que menciona a ausência de filhos e o "legado da nossa miséria". Ao recorrer a essa obra clássica, o autor da redação reforça a ideia de que a intolerância religiosa no Brasil é uma questão histórica e social que permanece sem mudanças significativas. A intertextualidade estabelece uma conexão entre o passado literário e o presente social, evidenciando a persistência do preconceito religioso. Faria (2014, p. 45) expressa:

Na verdade, a alusão é um tipo de citação mais discreta, já que não é explícita, e exige mais da memória do leitor, para perceber a relação de um texto com outro nas entrelinhas. Mas, ainda que se considere a alusão mais discreta do que a referência, defendemos que ambas necessitam da busca à memória para recuperar a intertextualidade.

Brás Cubas, o defunto-autor de Machado de Assis, diz em suas "Memórias Póstumas" que não teve filhos e não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

Fragmento da redação nota mil nº2

No segundo parágrafo o estudante faz uso intertextualidade no trecho "Conforme Aristóteles...", o estudante faz uso de uma citação explícita, ao referir-se diretamente ao filósofo grego. A citação tem o papel de embasar a argumentação, associando a concepção aristotélica de justiça e equilíbrio ao contexto da intolerância religiosa. Esse recurso intertextual fortalece a análise do autor, conferindo maior peso à sua reflexão sobre o impacto da intolerância religiosa na sociedade, alinhando-a com os princípios filosóficos de justiça e harmonia social.

Conforme Aristóteles, a poética deve ser utilizada de modo que, por meio da justiça, o equilíbrio seja alcançado na sociedade.

Fragmento da redação nota mil n°2

Neste trecho, o estudante utiliza intertextualidade por alusão ao sociólogo Émile Durkheim, mencionando sua teoria sobre o fato social. A citação de Durkheim é indireta, ao referir-se à sua ideia de que as práticas coletivas são transmitidas entre gerações, o que se aplica ao preconceito religioso no Brasil. A intertextualidade é utilizada para fortalecer o argumento sobre a perpetuação da intolerância religiosa, utilizando uma base teórica para embasar a crítica à sociedade e propor soluções, como a criação de delegacias especializadas.

Segundo pesquisas, a religião afro-brasileira é a principal vítima de discriminação, destacando-se o preconceito religioso como o principal impulsionador do problema. De acordo com Durkheim, o fato social é a maneira coletiva de agir e de pensar

Fragmento da redação nota mil n°2

Na conclusão da redação, o estudante faz uma alusão ao personagem Brás Cubas, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, para reforçar a importância de combater a intolerância religiosa. Ao recorrer a essa intertextualidade, o autor sugere que, ao promover uma conscientização social sobre o tema, seria possível transformar o Brasil em uma sociedade mais justa e digna, algo que até Brás Cubas, o defunto-autor, poderia se orgulhar. A alusão literária, portanto, fortalece o apelo à ação e ao desenvolvimento social.

Assim, poder-se-á transformar o Brasil em um país desenvolvido socialmente, e criar um legado de que Brás Cubas pudesse se orgulhar.

Fragmento da redação nota mil n°2

Ao mencionar Brás Cubas e Machado de Assis, a estudante utiliza a intertextualidade como um recurso importante para fortalecer a argumentatividade da redação. Ao evocar um personagem literário conhecido, ela estabelece uma ligação com o contexto histórico e social, utilizando a obra de Machado de Assis para criticar as

mazelas da sociedade atual, como a intolerância religiosa. A intertextualidade agrega profundidade ao argumento, conectando o passado literário com as questões contemporâneas e reforçando a necessidade de mudança na sociedade.

Quadro 10 - Redação Nota Mil N°3

1	Tolerância na prática
2	A Constituição Federal de 1988 – norma de maior hierarquia no sistema jurídico brasileiro – assegura a todos a liberdade de crença. Entretanto, os frequentes
3	cacos de intolerância religiosa mostram que os indivíduos ainda não experimentam esse
4	direito na prática. Com efeito, um diálogo entre sociedade e Estado sobre os ca-
5	minhos para combater a intolerância religiosa é medida que se impõe.

Fonte: G1/Trecho da redação notam mil/Enem 2016 — Foto: Reprodução/Inep

Transcrição da redação completa N°3

Tolerância na prática

A Constituição Federal de 1988 – norma de maior hierarquia no sistema jurídico brasileiro – assegura a todos a liberdade de crença. Entretanto, os frequentes casos de intolerância religiosa mostram que os indivíduos ainda não experimentam esse direito na prática. Com efeito, um diálogo entre sociedade e Estado sobre os caminhos para combater a intolerância religiosa é medida que se impõe.

Em primeiro plano, é necessário que a sociedade não seja uma reprodução da casa colonial, como disserta Gilberto Freyre em “Casa-Grande Senzala”. O autor ensina que a realidade do Brasil até o século XIX estava compactada no interior da casa-grande, cuja religião era católica, e as demais crenças – sobretudo africanas – eram marginalizadas e se mantiveram vivas porque os negros lhe deram aparência cristã, conhecida hoje por sincretismo religioso. No entanto, não é razoável que ainda haja uma religião que subjugue as outras, o que deve, pois, ser repudiado em um estado laico, a fim de que se combata a intolerância de crença.

De outra parte, o sociólogo Zygmunt Bauman defende, na obra “Modernidade Líquida”, que o individualismo é uma das principais características – e o maior conflito – da pós-modernidade, e, consequentemente, parcela da população tende a ser incapaz de tolerar diferenças. Esse problema assume contornos específicos no Brasil, onde, apesar do multiculturalismo, há quem exija do outro a mesma postura religiosa e seja intolerante àqueles que dela divergem. Nesse sentido, um caminho possível para combater a rejeição à diversidade de crença é desconstruir o principal problema da pós-modernidade, segundo Zygmunt Bauman: o individualismo.

Urge, portanto, que indivíduos e instituições públicas cooperem para mitigar a intolerância religiosa. Cabe aos cidadãos repudiar a inferiorização das crenças e dos costumes presentes no território brasileiro, por meio de debates nas mídias sociais capazes de desconstruir a prevalência de uma religião sobre as demais. Ao Ministério Público, por sua vez, compete promover ações judiciais pertinentes contra atitudes individualistas ofensivas à diversidade de crença. Assim, observada a ação conjunta entre população e poder público, alçará o país a verdadeira posição de Estado Democrático de Direito.”

Fonte: Site G1/ Reprodução INEP

No primeiro parágrafo da introdução, o estudante faz uma paráfrase da Constituição Federal de 1988, reescrevendo a ideia central sobre a liberdade de crença de forma mais acessível, mas sem utilizar as palavras exatas do texto legal.

A Constituição Federal de 1988 – norma de maior hierarquia no sistema jurídico brasileiro – assegura a todos a liberdade de crença.

Fragmento da redação nota mil nº3

No segundo parágrafo o estudante fez uma citação indireta ao trabalho de Gilberto Freyre. Ele menciona o conteúdo da obra Casa-Grande & Senzala, mas não utiliza as palavras exatas de Freyre. Ao reescrever as ideias do autor, o estudante emprega uma citação indireta para apoiar sua argumentação sobre a intolerância religiosa e o sincretismo religioso, estabelecendo uma conexão com o passado colonial e sua relevância para o tema abordado.

Em primeiro plano, é necessário que a sociedade não seja uma reprodução da casa colonial, como disserta Gilberto Freyre em “Casa-Grande Senzala”.

Fragmento da redação nota mil nº3

No terceiro parágrafo o estudante faz uma citação indireta ao sociólogo Zygmunt Bauman. Ele menciona as ideias do autor, especificamente sobre o individualismo na pós-modernidade, mas não utiliza as palavras exatas da obra Modernidade Líquida. O autor adapta o pensamento de Bauman para desenvolver seu próprio argumento na redação, o que caracteriza uma citação indireta. O estudante não transcreve diretamente, mas faz referência ao conteúdo da obra de maneira geral.

De outra parte, o sociólogo Zygmunt Bauman defende, na obra “Modernidade Líquida”, que o individualismo é uma das principais características – e o maior conflito – da pós-modernidade, e, consequentemente, parcela da população tende a ser incapaz de tolerar diferenças. Esse problema assume contornos específicos no Brasil, onde, apesar do multiculturalismo, há quem exija do outro a mesma postura religiosa e seja intolerante àqueles que dela divergem. Nesse sentido, um caminho possível para combater a rejeição à diversidade de crença é desconstruir o principal problema da pós-modernidade, segundo Zygmunt Bauman: o individualismo.

Fragmento da redação nota mil nº3

Na redação, a intertextualidade desempenha um papel fundamental na argumentatividade, pois serve para reforçar e embasar os pontos de vista do autor. Ao utilizar referências de Zygmunt Bauman e Gilberto Freyre, o autor insere conceitos teóricos que ajudam a legitimar suas afirmações sobre intolerância religiosa e preconceito. Essas referências proporcionam uma conexão entre o tema abordado e a teoria sociológica, tornando os argumentos mais consistentes e profundos. A intertextualidade, portanto, enriquece o raciocínio, dando-lhe maior credibilidade e reforçando a necessidade de mudanças sociais.

Quadro11: Redação Nota Mil N°4

1	No meio do caminho tinha uma pedra.
2	No limiar do século XXI, a intolerância religiosa é um dos principais problemas
3	que o Brasil foi convidado a administrar, combater e resolver. Por um lado, o país é
4	laico e defende a liberdade ao culto e à crença religiosa. Por outro, as minorias
5	que se distanciam do convencional se afundam em abismos cada vez mais profundos,
6	cavados diariamente por opositores intolerantes.

Fonte: G1/Trecho da redação notam mil/Enem 2016 — Foto: Reprodução/Inep

Transcrição da redação completa N°4

No meio do caminho tinha uma pedra

No limiar do século XXI, a intolerância religiosa é um dos principais problemas que o Brasil foi convidado a administrar, combater e resolver. Por um lado, o país é laico e defende a liberdade ao culto e à crença religiosa. Por outros, as minorias que se distanciam do convencional se afundam em abismos cada vez mais profundos, cavados diariamente por opositores intolerantes.

O Brasil é um país de diversas faces, etnias e crenças e defende em sua Constituição Federal o direito irrestrito à liberdade religiosa. Nesse cenário, tomando como base a legislação e acreditando na laicidade do Estado, as manifestações religiosas e a disseminação de ideologias fora do padrão não são bem aceitas por fundamentalistas. Assim, o que deveria caracterizar os diversos "Brasis" dentro da mesma nação é motivo de preocupação.

Paradoxalmente ao Estado laico, muitos ainda confundem liberdade de expressão com crimes inafiançáveis. Segundo dados do Instituto de Pesquisa da USP, a cada mês são registrados pelo menos 10 denúncias de intolerância religiosa e destas 15% envolvem violência física, sendo as principais vítimas fieis afro-brasileiros. Partindo dessa verdade, o então direito assegurado pela Constituição e reafirmado pela Secretaria dos Direitos Humanos é amputado e o abismo entre oprimidos e opositores torna-se, portanto, maior.

Parafraseando o sociólogo Zygmunt Bauman, enquanto houver quem alimente a intolerância religiosa, haverá quem defenda a discriminação. Tomando como norte a máxima do autor, para combater a intolerância religiosa no Brasil são necessárias alternativas concretas que tenham como protagonistas a tríade Estado, escola e mídia. O Estado, por seu caráter socializante e abrangente deverá promover políticas públicas que visem garantir uma maior autonomia religiosa e através dos 3 poderes deverá garantir, efetivamente, a liberdade de culto e proteção; a escola, formadora de caráter, deverá incluir matérias como religião em todos os anos da vida escolar; a mídia, quarto poder, deverá veicular campanhas de diversidade religiosa e respeito às diferenças. Somente assim, tirando as pedras do meio do caminho, construir-se-á um Brasil mais tolerante."

Fonte: Site G1/ Reprodução INEP

No tema da redação, o estudante faz uma alusão literária ao poema "No Meio do Caminho Tinha Uma Pedra", de Carlos Drummond de Andrade. A intertextualidade aqui é usada para simbolizar a intolerância religiosa como um obstáculo, assim como a pedra no poema. Essa metáfora reforça o argumento de que a intolerância religiosa é uma barreira que impede o progresso social. Portanto, a intertextualidade contribui para destacar a necessidade de superar essa questão e caminhar para uma sociedade mais justa.

No quarto parágrafo, o estudante faz uso de intertextualidade explícita ao parafrasear Zygmunt Bauman, adaptando a ideia de que a intolerância religiosa leva à discriminação. Esse recurso teórico é utilizado para reforçar o argumento de que o combate à intolerância deve ser multifacetado, envolvendo ações coordenadas do Estado, da escola e da mídia. A intertextualidade aqui fortalece o argumento, dando-lhe embasamento teórico e conferindo mais profundidade e credibilidade à discussão proposta. Paulino, Waltly e Cury (2005, p. 31) asseguram: "A paráfrase, evidentemente, não se confunde com plágio, porque ela deixa clara a fonte, a intenção de dialogar com o texto retomado, e não de tomar seu lugar.

Parafraseando o sociólogo Zygmunt Bauman, enquanto houver quem alimente a intolerância religiosa, haverá quem defenda a discriminação.

Fragmento da redação nota mil nº4

Na redação, a intertextualidade desempenha um papel importante na argumentatividade ao conferir maior credibilidade e profundidade aos argumentos. O uso de referências literárias e teóricas, como o poema de Carlos Drummond de Andrade e a parafrase de Zygmunt Bauman, não apenas amplia a reflexão sobre a intolerância religiosa, mas também conecta o debate atual com ideias consagradas. Ao invocar essas fontes, o autor fortalece sua posição, mostrando que as questões discutidas possuem respaldo em pensamento crítico já reconhecido, o que solidifica o raciocínio apresentado.

A seguir, um quadro sintetizando os tipos de intertextualidade encontrados em cada uma das redações nota mil que foram analisadas.

Quadro 12: Tipos de Intertextualidade Identificados nas Redações Nota Mil

Redação Nota Mil N°1	Redação Nota Mil N°2	Redação Nota Mil N°3	Redação Nota Mil N°4
Intertextualidade explícita	Alusão	Paráfrase(intertextualidade implícita)	Alusão
Epígrafe(intertextualidade explícita)	Epígrafe(intertextualidade explícita)	Citação Indireta	Paráfrase(intertextualidade implícita)
Citação Indireta	Paráfrase(intertextualidade implícita)	Citação Indireta	
Citação direta	Citação Indireta		
	Citação direta		
	Alusão		

Fonte: Autoria própria

O Quadro revela a diversidade de estratégias intertextuais utilizadas pelos candidatos para alcançar a nota máxima no ENEM. As redações analisadas apresentam uma variedade de recursos, incluindo alusão, citação direta e indireta, epígrafes, paráfrase, e uma divisão clara entre intertextualidade explícita e implícita. Essas estratégias não apenas enriquecem o conteúdo, mas também demonstram o domínio do candidato sobre diversos saberes e sua habilidade de articular diferentes vozes para fortalecer sua argumentação.

A intertextualidade explícita se manifesta através de citações diretas e da utilização de epígrafes, onde o autor do texto faz uma referência clara e identificável a uma fonte externa. Nesse caso, a fonte é diretamente mencionada, como em uma citação de Platão, por exemplo, ou no uso de uma epígrafe que introduz o tema da redação.

Essas formas de intertextualidade são evidentes e funcionam como uma maneira de embasar e reforçar as ideias apresentadas na redação, mostrando ao leitor que o autor está dialogando com outros saberes e textos. Por outro lado, a intertextualidade implícita aparece de forma mais sutil, quando o autor faz alusão a uma obra, autor ou conceito sem mencioná-los explicitamente. É o caso da alusão, onde o candidato faz referências indiretas, esperando que o leitor consiga perceber a conexão com o conteúdo

previamente conhecido. A citação indireta também entra nesse campo, onde o candidato transmite a ideia de outra fonte com suas próprias palavras, sem a necessidade de uma citação formal. Essas formas de intertextualidade exigem um conhecimento prévio do leitor para que a referência seja plenamente compreendida. A paráfrase surge como uma adaptação do conteúdo de outra obra ou autor, reescrita com as palavras do próprio autor do texto, preservando a ideia original, mas expressando-a de forma mais fluída ou personalizada. Embora menos direta que a citação, a paráfrase também desempenha um papel significativo, pois permite que o candidato utilize conceitos de outras fontes de forma original e integrada ao seu raciocínio.

A utilização desses recursos intertextuais, tanto explícitos quanto implícitos, demonstra um alto nível de habilidade na construção do texto, pois permite que o candidato construa uma argumentação mais sólida e, ao mesmo tempo, mostre sua capacidade de interagir com diferentes discursos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa, foi possível identificar que a intertextualidade desempenha um papel fundamental na argumentatividade das redações do ENEM de 2016. Em primeiro lugar, a intertextualidade oferece uma base sólida para os argumentos apresentados, possibilitando que os autores se apoiem em referências externas para reforçar suas ideias. Ao fazer uso de citações diretas, paráfrases ou alusões, os estudantes conectam seus pontos de vista a conceitos amplamente reconhecidos, o que torna seus argumentos mais confiáveis e convincentes.

Na redação do ENEM, a intertextualidade desempenha um papel crucial na argumentatividade ao fornecer uma base sólida para validar os argumentos. O uso de citações diretas, paráfrases ou alusões a autores e textos conhecidos permite que o estudante insira seu discurso em um contexto mais amplo, trazendo respaldo teórico para suas ideias. Essa técnica fortalece a persuasão ao conectar a argumentação pessoal a um conhecimento amplamente aceito, tornando-a mais robusta e convincente. A intertextualidade também enriquece a redação, mostrando domínio do tema e capacidade crítica do estudante.

A partir deste, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) explicar o papel da intertextualidade na argumentatividade da redação do Enem. A intertextualidade na argumentatividade das redações do ENEM de 2016 ajuda a criar um discurso mais robusto, no qual o estudante não apenas apresenta suas ideias, mas também se insere em um diálogo com textos e autores relevantes. Isso acrescenta uma camada de profundidade à redação, mostrando que o autor tem conhecimento de fontes externas e está ciente da relevância dessas fontes para o desenvolvimento do tema proposto.

(ii) identificar as relações de copresença mais recorrentes no gênero dissertativo; As relações de copresença mais recorrentes nas redações analisadas envolvem o uso de citações e paráfrases, sendo que essas relações são ferramentas essenciais para estabelecer a conexão entre o argumento do autor e os textos-fonte. Ao utilizar citações diretas ou paráfrases, os estudantes estabelecem uma ligação explícita entre seu raciocínio e os conceitos presentes nas obras e pensamentos de autores relevantes, como filósofos, sociólogos e literatos.

(iii) investigar com que propósito a intertextualidade é utilizada na elaboração da redação, seja para conceituar ou para argumentar.

O propósito da intertextualidade nas redações do ENEM de 2016 é variado, mas em sua maioria, ela é empregada para dar maior embasamento aos argumentos. Ao utilizar referências externas, os autores das redações não apenas validam seus próprios argumentos, mas também trazem à tona o conhecimento pré-existente sobre um determinado tema. Dessa forma, a intertextualidade atua como uma ferramenta para fortalecer a argumentação e permitir uma análise mais profunda e detalhada do tema.

Em suma, a intertextualidade nas redações do ENEM de 2016 não apenas contribuem para a construção de um texto coeso e bem fundamentado, mas também enriquece a argumentação ao incorporar elementos de fontes externas. A utilização desses recursos evidencia o domínio do estudante sobre o tema, além de fortalecer seu discurso ao conectar suas ideias com uma base de conhecimento mais ampla e reconhecida. Assim, a intertextualidade se configura como um elemento essencial para a construção de um texto dissertativo de qualidade no contexto do ENEM.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENTES, A. C. **Linguística textual**. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística. Domínios e fronteiras**. V. 2. São Paulo: Cortez, 2001, p. 245-288
- BENTO, André Lucio. O texto dissertativo argumentativo. In: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche (org.). **Textos dissertativos argumentativos**: subsídios para qualificação de avaliadores. Brasília: Cebraspe, 2016.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Cartilha do participante: Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM 2016**. Brasília, DF: MEC, 2016.
https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2016/manual_de_redacao_do_enem_2016.pdf
- CAVALCANTE, M. C. Intertextualidade. In: CAVALCANTE, M. C. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, M. C. **Texto, contexto e coerência**. In: CAVALCANTE, M. C. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012. pp 15-42
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. **Revisitando o estatuto do texto**. Revista do Gelne, Teresina, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.
- CAVALCANTE, Monica Magalhães. Fundamentação teórica. **Por uma nova abordagem do fenômeno intertextualidade**. [17-92].
https://www.academia.edu/7926395/CAVALCANTE_S_Por_uma_nova_abordagem_do_fenômeno_da_intertextualidade_In_CAVALCANTE_S_M_S_O_fenômeno_da_intertextualidade_em_uma_perspectiva_cognitiva_Tese_de_Doutorado_UFMG_Belo_Horizonte_2009
- COROA, Maria Luisa Sales. **Avaliação Formativa, Registros e Produção de Textos**. In: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche (org.). **Textos dissertativos argumentativos**: subsídios para qualificação de avaliadores. Brasília: Cebraspe, 2016.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ELIAS, Vanda Maria. **Estudos do texto, multimodalidade e argumentação**: perspectivas. ReVEL, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. [www.revel.inf.br].
- FARIA, Maria da Graça dos Santos. **Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais**. 2014. 118 f. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FIORIN, José Luiz. O ensino de português nos níveis fundamental e médio: problemas e desafios. In: SCHOLZE, L.; RÖSING, Tania M. K. **Teoria e prática de letramento**. Brasília-DF: INEP – UPF, 2007.

G1. **Leia redações nota mil do ENEM 2016.** G1 Educação. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/leia-redacoes-nota-mil-do-enem-2016.ghtml>. Acesso em: 13 dez. 2024.

GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de português. In: _____. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

Gil, Antonio Carlos, 1946 – **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antonio Carlos Gil. – 5. Ed. – São Paulo : Atlas, 2010.

KOCH, Ingedore G. Vilalaça **Intertextualidades: diálogos possíveis** / Ingedore G. Villaça Koch, Anna Christina BENTES, Mônica Magalhães Cavalcante. – 3. Ed. – São Paulo : Cortez, 2012.

Koch, Ingedore Grunfeld Villaça, 1993-. **Desvendando os segredos do texto** / Ingedore Grunfeld Villaça Koch. – 8 ed. – São Paulo :Cortez, 2015.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. O desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção de textos a partir de gêneros discursivos. In: _____. (Org.). **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté-SP: Cabral, 2002.

MARCUSHI, Luiz Antônio, 1946 – **Produção textual, análise e gêneros e compreensão** / Luiz Antônio Marcushi. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PAULINO, GRAÇA **Intertextualidades**/ Graça Pulino, Ivete Walty, Maria Zilda Cury. São Paulo: Formato, 2005.